

DIVIDIDO EM LOTES O BRASIL



Lisboa, 29, fevereiro, 1536 (Do correspondente)

Está o Brasil definitivamente dividido em 15 lotes a que se deu o nome de «capitanias donatárias». A distribuição por 12 «capitães-governadores» vem sendo feita por sucessivos decretos de D. João III, desde março de 34. Martim Afonso e seu irmão Pero Lopes ganharam os maiores quinhões — cerca de 150 léguas de costa — enquanto os outros receberam, em média, 50 a 60 léguas.



(Outros despachos na pág. 2)

D. JOÃO III
Certo ou errado? =>

o Brasil em Jornal

1534/36 N.º 5	"A HISTÓRIA EM NOTICIA"	Comum: Cr\$ 10,00 Aéreo: Cr\$ 12,00 Atrasado: Cr\$ 15,00
Director: AMARAL NETTO	Assessores: GUSTAVO BARROSO JAYME COELHO	Redator-chefe: CLAUDIO SOARES

PARTINDO O BÔLO



INCAS RESISTEM AOS ESPANHÓIS

(Despachos na página 2, inclusive telegrama de última hora, dando conta da ameaça de guerra entre dois comandantes espanhóis: Pizarro e Almagro).



DECAPITADA ANA BOLENA!

— Cabeças rolam na Torre de Londres, sob o machado do carrasco de Henrique VIII. A camareira-rainha, de cujo pedido de clemência colhemos este flagrante, acusada de adultério, não escapou à morte. Antes da sua, tombaram as cabeças do bispo Fisher e do grande Thomas Morus. Henrique casou-se novamente. Pela terceira vez. Na página 6, publicamos exclusivos e sensacionais despachos de nosso correspondente em Londres.

Mulheres a cavalo provocam "revolução"

Paris, 1536 (Do colunista social de B. J.)

Catarina de Médicis, a jovem delfina de França, provoca uma verdadeira revolução na Corte com nova moda de equitação feminina. Duas correntes se chocam: a dos que aplaudem e a dos que condenam Catarina.

As mulheres não pensam nem falam em outra coisa. E muitas delas — as que sabem montar bem — já adotaram o estilo da «Florentina».

Catarina revoluciona a equitação, passando a cavalgar de maneira quase masculina: a perna esquerda em posição vertical, com o pé firmemente preso a um estribo, enquanto a direita se dobra, bem no alto, com o joelho preso à saliência frontal da sela.

Catarina foi mais longe lançando a moda dos «culotes», — calções que estão provocando, mais que o próprio estilo de montar, uma verdadeira guerra entre os que os consideram imorais e os que batem palmas à moda masculinizada da futura rainha.



CATARINA Em elegante traje feminino...

Um dos maiores defensores da «Florentina» é o escritor e poeta Henri Estienne. Do outro lado se enfileiram não só os moralistas como, também, as damas, cujo físico não é favorecido com o uso dos «culotes».

As leitoras devem opinar sobre as revolucionárias inovações da italianinha que, com 17 anos apenas, eria um caso tão ruidoso em meio às elegantes francesas.

São «kar» ou «shangay» os «culotes»?

APUNHALADO

NO RIO DE JANEIRO

Baía do Rio de Janeiro, 3, dezembro, 1535 (Urgente)

Apunhalado «até que a alma lhe saísse das carnes», exalou seu último suspiro numa das praias desta baía o mestre-de-campo espanhol, Juan Osório. Ele foi condenado no dia 29 do mês passado, depois de um julgamento sigiloso no qual respondeu pelos crimes de traição e conspiração contra o adelantado-mor D. Pedro de Mendoza, comandante da armada espanhola que, por ordem de Carlos V, se dirige ao Rio da Prata em missão de conquista e colonização.

A esquadra fundeu neste porto dia 30 e antontem desembarcaram as tropas, instalando acampamento na praia. Conseguimos apurar que a bordo, antes da chegada ao Rio, graves acontecimentos se desenrolaram, tendo como pivô o mestre-de-campo Juan Osório. No julgamento de 29, ainda em viagem, ele não teve direito sequer de ser ouvido.

A sentença ditava «apunhalamento até que a alma lhe saísse das carnes». Ontem tiveram lugar os preparativos para a execução, com a indicação dos que deveriam liquidar Osório. Hoje, pela manhã, toda a infantaria formou na praia à vista das tripulações que ficaram a bordo, e dois soldados amarraram o condenado a um poste fixado na areia, vendando-lhe os olhos.

O repórter estava próximo quando os capitães Juan de Ayolas e Galaz de Medrano, sob o comando de Mendoza, trespassaram várias vezes, com suas espadas, o corpo de Osório, entre gemidos lancinantes da vítima. O ruído dos tambores abafava os gemidos, enquanto o sangue tingia de vermelho as areias da praia carioca, e a bárbara execução chegava ao fim com a morte do condenado. Depois, as tropas embarcaram e a esquadra se fez ao mar.

Este fato demonstra o completo abandono em que se encontra o Rio de Janeiro, depois da partida de Martim Afonso.

491

12-2634

Dividido em lotes o Brasil

Rio de Igarapé, Pernambuco, 9, março, 1535 — (Da sucursal) — Na véspera do 1º aniversário de sua nomeação como donatário, chegou a estas terras Duarte Coelho, senhor de barão e cutelo de extenso lote entre os rios S. Francisco e Igarapé.

Nesta região, vítima por duas vezes dos franceses, existem três ou quatro centenas de índios superficialmente civilizados. Há uma feitoria de pau-brasil. Duarte Coelho viajou com sua mulher, Da. Brites de Albuquerque, seu cunhado Jerônimo e um grupo de colonos.

Falando ao repórter, Duarte afirmou: — «Além da colonização a que me entregarei de corpo e alma com minha mulher e meus companheiros, pretendo iniciar imediatamente uma pesquisa no Rio S. Francisco em busca de ouro.» Da. Brites, por sua vez, uma das primeiras mulheres europeias a se transportar para estas terras, demonstrou grande tempera e bravura, afirmando: — «Ao lado de Duarte nada temo. Confio no futuro desta região e aqui plantarei o meu lar.»

Baía de Sta. Luzia, 23, maio, 1535 — Com pequena expedição de colonos, desembarcou aqui o donatário Vasco Fernandes Coutinho. Já está construindo um forte com paliçadas e as primeiras habitações. Com ele vieram D. Jorge de Menezes e Simão de Castelo; aquele, autor de grandes feitos na Índia. Vasco pretende iniciar imediatamente a devastação de florestas, queimando-as, para poder semear o solo.

Pôrto Seguro, 1535 — Pero de Campo Tourinho, acompanhado de sua mulher Inês e seus três filhos, Fernão, André e Leonor, desembarcou em Pôrto Seguro, próximo ao local onde fundeu Cabral há 35 anos. Ele traz na sua expedição 600 homens e mulheres e afirma estar disposto a instalar-se definitivamente nas terras que lhe foram doadas pelo rei.

Falando à reportagem disse: — «Haverá melhor prova da minha confiança nesta terra do que a presença de toda a minha família, assim como a informação que lhe dou de ter vendido, antes de deixar Portugal, todos os meus bens? O senhor pode ver que várias mulheres vieram com seus maridos. Difícilmente um outro capitão donatário terá organizado expedição igual à minha.»

Maranhão, 1536 — Depois de breve escala em Ceará-mirim, chegou a esquadra de Aires da Cunha sem o capitão que naufragou com sua nau. Ele era associado de João de Barros e Fernão Álvares de Andrade e comandava uma grande expedição: 10 navios, 900 homens de infantaria e 100 com os respectivos cavalos. Ele e seus sócios adquiriram o direito de se assenhorearem de todos os metais preciosos que descobrissem. A esquadra causou surpreendente impressão aos índios. Vieram dois filhos de João de Barros. A expedição vai construir um forte ao qual será dado o nome de Nazaré e, depois, subirá o rio à procura do Peru e do ouro que lá existe.

Bahia, dezembro, 1536 — Já se encontra em terras baianas o donatário Francisco Pereira Coutinho.

Em declarações espetaculares a O BRASIL EM JORNAL, Coutinho disse: — «Os portugueses que aqui se acham é que não me agradam em absoluto. Parecem mais um bando de criminosos, do que súditos fiéis de Sua Majestade.»

Lógico que nessa classificação ele não inclui Diogo Álvares: — «Dêle muito espaço no trabalho de colonização e civilização. Sei que os índios lhe têm muita estima e ele conhece a terra como ninguém.»

Sem confirmação de Coutinho, informamos que correm rumores de que ele trouxe carta do rei para Diogo Álvares. Armou acampamento próximo ao de Diogo.

A orla marítima desta capitania é ocupada por uma tribo de cerca de 6 mil índios, cuja amizade é indispensável ao capitão.

S. Vicente, 1536 — (Da sucursal) — S. Vicente é agora capitania doada a Martim Afonso, fundador desta vila. Como ele se encontra na Índia, seu substituto legal é o vigário Gonçalo Monteiro, que tem encontrado enormes dificuldades no seu trabalho de colonização e catequese, por causa dos degredados criminosos que aqui se encontram. Ato de violência já tiveram lugar em alguns setores, inclusive pequenos combates à mão armada.

Por outro lado, grupos de espanhóis e índios atacaram os vicentinos na ausência de Rui Pin-

to e Pero de Góis que comandam a tropa portuguesa.

Confirmando notícia publicada na edição anterior, Pero Lôbo e Francisco Chaves com seus homens, são dados oficialmente como perdidos, sabendo-se agora, que, de fato, foram chacinados por índios carijós. A confirmação oficial foi sonegada o maior tempo possível, para não lançar o pânico entre os 300 portugueses de S. Vicente.

A ausência de Rui Pinto e Pero de Góis se prende justamente à expedição punitiva que foram concertar com João Ramalho para punir os carijós.

BRÁS CUBAS GANHA TERRAS

S. Vicente, 1536 — Um jovem aqui radicado, Brás Cubas, obteve da procuradora de Martim Afonso, sua mulher, doação de novas terras em Jeribatuba. Cubas com seus irmãos, vai mandar vir de Portugal seu pai, João Pires Cubas.

CASTANHEIRA INTERESSADO

Lisboa, 1536 — Carta escrita por Martim Afonso ao conde de Castanheira, o mais importante

conselheiro do rei, demonstra o interesse que esse nobre mantém pelas terras do Brasil. Eis um trecho: — «Se desejar a terra, diz o atual capitão-do-mar na Índia, mande-a tomar toda ou a que quiser, que essa será para mim a maior mercê e a maior honra do mundo.»

A carta está datada de Goa, 14 de dezembro do ano passado, e nos foi mostrada por um fidalgo do conde, cujo nome, obviamente, omitimos.

CRIMINOSOS PARA O BRASIL

Lisboa, 31, maio, 1535 (Urgente) — A partir de hoje os degredados portugueses não serão mais mandados para São Tomé na África, e, sim, para o Brasil.

Essa decisão real, segundo apurou a reportagem, se destina a colonizar as novas terras de qualquer maneira. Alguns setores do Conselho do rei D. João encaram o decreto hoje assinado com pessimismo, advertindo que a ida de criminosos de todos os tipos para o Brasil poderá acarretar sérias e graves dificuldades aos donatários, muitos dos quais para lá estão levando ou pretendem levar suas famílias.

QUEM SÃO OS «DONOS» DO BRASIL

Os novos «donos» do Brasil e seus respectivos lotes, são: Duarte Coelho, Pernambuco; Pero Góis, São Tomé; Francisco Pereira Coutinho, Bahia; Vasco Fernandes Coutinho, Espírito Santo; Pero de Campo Tourinho, Pôrto Seguro; Jorge de Figueiredo Corrêa, Ilhéus; Martim Afonso de Sousa, S. Vicente e Rio de Janeiro; Pero Lopes de Sousa, Santo Amaro, Santana e Itamaracá; Antônio Cardoso de Barros, Ceará; João de Barros e Aires da Cunha, Rio Grande e Maranhão; Fernando Álvares de Andrade, parte do Piauí e do Maranhão.

Lisboa, dezembro, 1536 (Do correspondente) — Quem são os donatários das capitânias em que se dividiu o Brasil? Este jornal responde com o levantamento, em certos casos difícil, organizado pela sucursal de Lisboa. Excetuamos Martim Afonso e Pero Lopes, uma vez que ambos são bastante conhecidos de nossos leitores, pelas reportagens já publicadas.

1) — FRANCISCO PEREIRA COUTINHO

Da casta dirigente de Portugal. Neto, pelo lado materno, do conde de Marialva. Apelido: «Rusticão». Motivo: sua rudeza. Serviu com o grande Afonso de Albuquerque na Índia. Trouxe para o falecido D. Manuel um rinoceronte que causou espanto e admiração na Europa. O pintor e gravador Alberto Dürer perpetuou o animal num quadro. Coutinho casou-se com uma filha de Reimão Pereira de Lacerda, de sangue azul.

2) — DUARTE COELHO

Figura entre os privilegiados, tendo ganhado uma das maiores capitânias e a mais próxima do reino. Filho de Gonçalo Coelho. Educou-se no Mosteiro de Vila Nova. Estêve com o pai nas viagens feitas por ele ao Brasil. Serviu na Índia de 1509 a 27. Foi incumbido de descobrir a Cochinchina. Em 29, providenciou o fortalecimento dos fortes africanos. Dois anos depois, comandando uma armada, aprisionou um galeão francês. Casado com Da. Brites de Albuquerque que seguiu com ele. Não tem filhos.

3) — VASCO FERNANDES COUTINHO

Serviu na Ásia. É filho de Jorge de Melo. Tem proprie-

dades em Santarem, tendo negociado com elas para comprar quinta em Alenquer. Se tudo depender de valentia, realizará o máximo. Casado com Da. Maria do Campo, filha de rico proprietário em Erra.

4) — PERO DE CAMPO TOURINHO

Natural de Viana do Castelo. Riquíssimo. Prudente e muito hábil navegante. Levou sua mulher e três filhos. Apesar disso, afirma-se que, como comerciante, só está interessado na capitania como fonte de lucros.

5) — JORGE DE FIGUEIREDO CORREIA

De família de «escrivães da fazenda», ele também escreveu. Não é de nobreza pura. Casado com Catarina de Alarcão, criada junto com a rainha de Portugal. Afirma-se em fontes bem informadas que não estaria disposto a seguir para o Brasil, preferindo continuar em seu posto na Fazenda. Em seu lugar iria Francisco Romero.

6) — JOÃO DE BARROS

Conhecido dos apreciadores de livros. Já citado em nossa coluna especializada. E, mesmo, figura impar da literatura portuguesa. Funcionário da Fazenda e guarda-mor da Torre do Tombo. Casado com D. Maria de Almeida. Caso ele se decida a passar à colônia, é certo que seu talento fulgurante terá grande influência na formação brasileira.

7) — FERNANDO ALVARES DE ANDRADE

Tesoureiro-mor do reino. Chegou ao cargo por merecimento. Podemos informar que não irá ao Brasil.

8) — AIRES DA CUNHA

Primeira vítima das capitânias. Morreu no naufrágio do capitania da sua esquadra. Era sócio de João de Barros e de Álvares de Andrade. Tinha boa folha de serviços à Coroa.

9) — ANTÔNIO CARDOSO DE BARROS

Irmão de fidalgo da Córte. Pouco se sabe sobre ele. Muito criticada a doação feita a Antônio.

10) — PERO DE GOIS

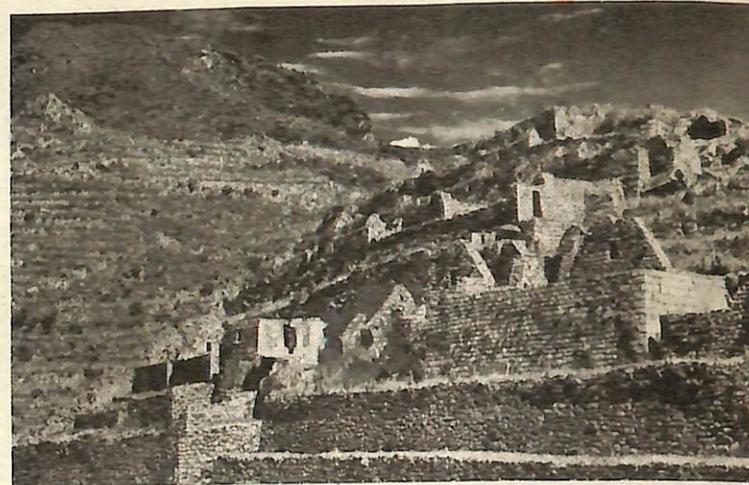
Notável militar e administrador. Ao contrário do que muitos pensam, não é parente de Damião de Góis. Tem uma irmã freira em Sta. Clara de Beja. Participou da armada de Martim Afonso com atuação destacada, permanecendo no Brasil, onde desenvolve grande atividade.

DIREITOS FEUDAIS

Aos Donatários das Capitânias outorgou o Rei D. João III direitos de verdadeiros senhores feudais: 1) títulos de Capitão e Governador, isto é, jurisdição militar e civil; 2) cativar índios e vendê-los em Lisboa como escravos até o número de 39 por ano, livres de imposto de entrada; 3) conceder sesmarias a cristãos; 4) pedágio de travessia dos rios; 5) dízimos sobre o quinto dos metais e pedras preciosas; 6) provimento dos cargos de tabelião e alcaide; 7) monopólio de marinhas, moendas e engenhos; 8) vintena do pescado e do pau-brasil; 9) dízimo dos produ-

tos da terra; 10) sentença de morte sem apelação nem agravo sobre peões, escravos e gentios, e de degredo até dez anos e multa de cem cruzados sobre as pessoas de qualidade; 11) decisão das causas civis até o valor de cem mil réis; 12) apurar as listas para as eleições dos magistrados e conselhos municipais; 13) receber apelações e agravos.

Além disso, os corregedores do Rei não poderão entrar nas Capitânias, nem o Donatário poderia ser processado sem ser ouvido antes pelo soberano.



CUZCO
Quase toda é só ruínas

INCAS RESISTEM AOS ESPANHÓIS

Cuzco, fevereiro, 1536 (Do enviado especial junto às tropas de Fernando Pizarro)

Cerca de 200 mil guerreiros incas, chefiados por Manco Inca, irmão do desditoso Atauvalpa, sitiaram esta cidade. Sob o comando de Fernando Pizarro, irmão do governador e comandante-em-chefe Francisco Pizarro, nossa pequena guarnição resistiu aos ataques dos incas. A noite contemplamos seus acampamentos iluminados por fogueiras, como um anel flamejante em torno de Cuzco.

Cuzco, fevereiro, 1536 — Desde o bárbaro sacrifício de Atauvalpa, que Pizarro restabeleceu o Império Inca e colocou sobre o trono um imperador fantoche, Toparca, irmão de Atauvalpa. Manco Inca sucedeu-o pouco depois. É irmão de Atauvalpa e Toparca.

Manco jamais governou de fato. Foi um títere nas mãos de Pizarro, que sempre o manteve como verdadeiro prisioneiro. Carlos V nomeou o conquistador governador-geral do Peru e deu-lhe também o título de marquês de Atavillos. Ele se encontra em Lima, cidade que fundou no mês passado. Estão aqui seus irmãos, João, Gonçalves e Fernando, este último no comando das tropas e da cidade.

Cuzco, fevereiro, 1536 — As humilhações a que submeteram Manco fizeram com que ele tramasse a revolta com outros nobres incas. Fazendo-se amigo do comandante Fernando Pizarro, conseguiu enganar-lo, valendo-se da cobiça que o ouro desperta em todos nós. Prometeu-lhe que, se pudesse sair de Cuzco, retornaria trazendo uma estátua de seu finado pai e imperador, em tamanho natural, toda em ouro maciço. Fernando deixou-o ir. Em vez da estátua, ele retornou com 200 mil guerreiros e rebelou o país contra os espanhóis.

Cuzco, fevereiro, 1536 — O sítio continua. Nuvens de projéteis caem sobre nós dia e noite. Metade da cidade está reduzida a cinzas, devido às flechas incendiárias lançadas pelos incas.

Nossas sortidas massacram muitos deles, mas sem grandes resultados. Estão usando uma arma aparentemente inofensiva, mas de graves efeitos: o laço. Com ela envolvem as pernas dos cavalos, que são atirados ao chão. Dormimos armados até os dentes. As surpresas são constantes. Manco Inca não nos dá trégua.

MASSACRE DE ESPANHÓIS

Cuzco, fevereiro, 1536 — A situação é gravíssima. Recebemos notícias de que os espanhóis estão sendo caçados em todo o país. Existem rumores de que o governador Pizarro está cercado em Lima, enquanto as comunicações com o mar foram cortadas.

Oito ou dez homens de uma das sortidas tiveram suas cabeças decepadas e jogadas sobre nós por cima dos muros. Alguns capitães pressionam Fernando Pizarro para que abandonemos Cuzco.

Cuzco, 1536 — «Ficaremos de qualquer maneira. Se recuarmos, estaremos desmoralizados e perderemos o Peru para sempre.» Esta foi a disposição final, anunciada pelo comandante Fernando Pizarro, João e Gonçalo Pizarro, Gabriel de Rojas e Ponce de Leon foram encarregados de retomar nossa principal fortaleza em poder de Manco.

MORRE UM PIZARRO

Cuzco, 1536 — Recuperamos a fortaleza mas perdemos João Pizarro, um excelente capitão, tão bravo quanto seus famosos irmãos, e mais querido que eles, por sua cortesia e afabilidade.

Cuzco, agosto, 1536 — Depois de cerca de sete meses de terrível cerco, fizemos uma sortida em profundidade, rompendo a frente inca. O ataque a cavalo contou com 80 homens, sob o comando do próprio Fernando Pizarro. Manco retirou uma grande parcela de suas tropas para semear os campos e manter a subsistência dos que combatem. Nosso pequeno exército lançou-se sobre sua principal praça-forte, Tambo, mas teve de recuar para Cuzco, diante da enorme inferioridade numérica e da excelência da posição dos incas.

Cuzco, novembro, 1536 (Urgente) — Notícias trazidas agora informam que Diogo de Almagro, mandado ao Chile pelo governador Francisco Pizarro, estaria de regresso em direção a Cuzco. Segundo os informantes, ele viria reivindicar nossa cidade como incluída em sua jurisdição. Ao invés de reforços na luta contra os incas, teríamos uma luta entre irmãos, o que seria desastroso.

CARTIER DESCOBRE O CANADÁ



DUAS RAÇAS

Cartier, junto à cruz que plantou, oferece a espada a Donacona «Grande Senhor do Canadá»

Saint-Malo, julho, 1536

Com dois dos três navios da qual saídos sob o seu comando, numa segunda viagem à denominada região do Canadá, regressou o capitão Jaques Cartier sem ter conseguido seus objetivos principais: encontrar ouro e um estreito que o levasse ao sonhado Oriente.

Em setembro do ano passado, a pequena esquadra alcançou terras canadenses depois de uma travessia penosa. Cartier foi recebido por um grande chefe índio, Donacona, o «Senhor do Canadá». Trocaram presentes com os nativos, tendo os rosários de vidro causado grande sensação.

As intrigas dos intérpretes indígenas — Dom Agaya e Taigagny — levados por Cartier quando aqui esteve na primeira viagem, dificultaram melhores entendimentos com o «Grande Senhor do Canadá», Donacona.

Dois dos barcos — a «Grande» e a «Pequena Hermine» — foram deixados numa enseada, enquanto os expedicionários, a bordo do «Esmerilhão», subiam o rio S. Lourenço, dia 19 de setembro, à procura da famosa terra de Sanguenay, a Oeste, onde afirmam os indígenas existirem

«cobre vermelho» (ouro) em abundância. Depois de 13 dias de navegação, amigavelmente recebidos pelos caçadores e pescadores, chegaram a Hochelaga, pequena povoação, a 2 de outubro. Cartier denominou a região «Mont Real.»

Regressando ao ponto onde deixaram os outros navios, ali enfrentaram um rigorosíssimo inverno, e o escorbuto dizimou 25 tripulantes. Foi uma planta selvagem que salvou a expedição. Abandonando a «Pequena Hermine», a expedição regressou à França.

MONGÓIS ATACAM DIU

Diu, 1535

O sultão de Cambaia, Badur-shah, depois de ceder Baçaim aos portugueses como penhor de amizade, concluiu com Nuno da Cunha, governador da Índia, um tratado de paz.

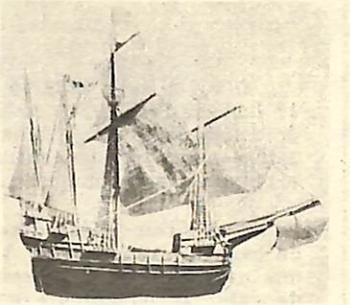
Cláusulas: os portugueses se comprometem a combater os mongóis, atualmente às portas de Cambaia; os indianos cedem aos aliados a cidade de Diu, onde Nuno da Cunha levantará fortaleza.

Martim Afonso de Sousa, ex-governador e capitão-mor das terras do Brasil, foi incumbido da defesa de Baçaim.

Diu, 1536 (Do correspondente) — Forças mongóis atacam com grande ímpeto as posições dos aliados portugueses e indianos. Soldados do sultão de Cambaia, tradicionalmente inimigos dos lusos, lutam lado a lado contra os invasores, que foram repelidos nas primeiras escaramuças.

A PRIMEIRA VIAGEM

Na primeira viagem que se iniciou em 20 de abril de 34, Cartier não havia alcançado sucesso maior. Voltou depois de



«PEQUENA HERMINE»

Cartier abandonou-a no Canadá

137 dias, fazendo apenas a descoberta da «Nova França» (Canadá). Foi Le Veneur, conselheiro de Francisco I, quem indicou Jaques Cartier para comandar a primeira expedição. Na baía de Gaspé, Cartier fez erguer uma cruz com um escudo ornado de flôres de lírio e com a seguinte inscrição: «Viva o Rei de França!» Foi aí que os dois índios Dom Agaya e Taigagny, filhos de um chefe local, embarcaram para a França.

Aqui chegando, insistiram tanto sobre a existência de ouro no Canadá, que Francisco I encarregou o almirante Chabot de preparar três navios devidamente equipados e providos de víveres para 15 meses, iniciando-se então a segunda viagem.

ASSASSINADO O DELFIM?

Tournon, 1536

Morreu o delfim de França, Francisco, que, desde sua saída de Lião, se encontrava muito doente. O delfim morreu com menos de 20 anos, passando a Henrique, duque de Orléans, marido de Catarina de Médicis, a sucessão de seu pai, Francisco I.

Teria sido envenenado? Esta é a pergunta que está em todas as bocas. O rei, que se encontrava em Avinhão, com as suas tropas à espera do avanço de Carlos V, veio para aqui e fez dramáticas declarações, atribuindo a morte do príncipe ao imperador do Santo Império Romano-Germânico.

De acordo com ele, Carlos V teria subornado um valete de Francisco para ministrarlhe veneno num copo de água que tomou pouco antes de cair doente.

Para alguns médicos, Francisco contraiu uma pleuropneumonia, pois tomara água muito fria depois de suar num jôgo de pela. De qualquer forma, a acusação de envenenamento, feita pelo próprio rei, levou ao cárcere o valete que serviu a água a Francisco. Torturado seguidamente, «confessou» que pusera veneno no copo, sendo julgado e condenado como regicida.

Em praça pública, e diante de uma enorme multidão, teve seus braços e pernas deslocados, presos a quatro cavalos, que galoparam em direções diferentes.

Túnis reconquistada por Carlos V

La Goulette, 14, julho, 1535

TUNIS RETOMADA

Túnis, setembro, 1535 — O exército europeu, sob o comando do próprio imperador Carlos V, ocupou esta cidade em meio à prática das maiores atrocidades, tal como sucedeu em La Goulette. Barbarroxa, o comandante da esquadra turca, conseguiu fugir para Alger.

Esta cidade havia sido ocupada pelo velho pirata no ano passado e, daqui, ele ameaçava Malta, Sicília e o Reino de Nápoles. O imperador libertou aqui cerca de 20 mil escravos cristãos capturados pelos turcos.

Estamos preparados para regressar com a esquadra, deixando um rei mouro, vasalo de Espanha, no governo de Túnis. Fica, também, uma guarnição espanhola para impedir a reocupação por parte de Barbarroxa.

ARRASADAS AS BALEARES!

Valência, Espanha, dezembro, 1535 (Urgente) — O capitão-paxá, Barbarroxa, está realizando raides de devastação contra as Ilhas Baleares e toda a costa espanhola, próxima a esta cidade.

Esses golpes de incrível audácia do comandante da frota otomana, logo após sua grande derrota em Túnis, provam que ele conseguiu, em pouquíssimo tempo, reorganizar sua esquadra e continua a representar uma terrível ameaça para o Ocidente.

PROPAGANDA ORGANIZADA

Paris, fevereiro, 1536 — Os círculos diplomáticos e governamentais franceses encaram com reservas a grande publicidade que vem sendo feita

em torno das operações militares de alto bordo, realizadas por Carlos V contra o velho comandante otomano Barbarroxa.

De fato, por toda a Europa estão circulando panfletos que classificam a expedição comandada por Carlos V para a retomada de Túnis, como uma «Nova Cruzada». A publicidade, nitidamente organizada, tem por fito capitalizar simpatias para Carlos V contra Francisco I.



DEL VASTO

Ao lado do filho, pajem, o marquês fala às tropas, antes da tomada de Túnis

(Do enviado especial a bordo da esquadra aliada)

Com o imperador Carlos V à frente e sob o comando direto do marquês del Vasto, um poderoso exército hispano-luso-genovês ocupou hoje esta importante cidadela africana, controlada pelo terrível capitão-paxá Kair-edin, o Barbarroxa, chefe da esquadra otomana.

Os navios turcos, encurrados na laguna, caíram quase todos em poder da esquadra européia. Barbarroxa dificilmente poderá resistir à retomada de Túnis, que está a dois passos daqui.

A esquadra em que viajamos é a mais poderosa expedição organizada na Europa depois das Cruzadas. Ela se compõe de 74 galeras de 300 velas, a bordo da qual se transportou um aguerrido exército de mais de 30 mil homens, metade espanhóis e os restantes italianos, genoveses e alguns portugueses.

Fazem parte desta gigantesca expedição, que hoje obtém um estrondoso triunfo, o almirante Andréa Dória, de Gênova, e os capitães portugueses D. João de Castro e Pero Lopes de Sousa, que há pouco esteve no Brasil, todos sob o comando-geral do marquês del Vasto.

O desembarque se deu em meados de junho, e durante um mês, enfrentando todas as dificuldades da guerra em país bárbaro, se manteve um pesado e rigoroso cerco de La Goulette. O imperador demonstrou sempre extraordinária bravura à frente das tropas.

Capitanias: êxito ou fracasso?

O Brasil está dividido em 15 lotes de terras costeiras. 12 homens receberam êsses pedaços da colônia das mãos do rei de Portugal. Alguns já partiram para suas «capitanias»; um, já se encontra lá; outros partirão mais tarde e outros, ainda, não irão jamais.

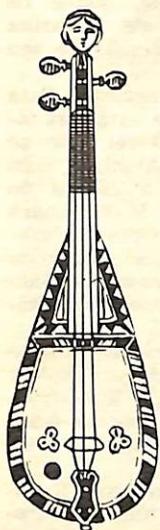
Assim como aplaudimos e batemos palmas ao envio da expedição de Martim Afonso de Sousa e de seu irmão que nela tanto se destacou, também não podemos deixar de externar novamente nossos profundos receios quanto aos resultados dessa partição do Brasil.

Discordamos totalmente da Coroa e de seus conselheiros quanto aos efeitos positivos da medida. Por outro lado muito se murmura sobre esta ou aquela doação, uma vez que nem todos os aquinhoados mereceriam a dádiva real. E mesmo que todos a merecessem, não é possível esconder a desigualdade gritante da distribuição de terras.

Não desejamos penetrar mais fundo no mérito do problema. Preferimos aguardar os resultados do esquema que agora começa a funcionar para, depois, se êle se mostrar valioso para o Brasil e para a metrópole, reconhecermos o nosso êrro e, com muita alegria, bater palmas aos que planejaram, executaram e mantiveram tal sistema.

Se a nossa crítica e o nosso brado de alerta de nada valerem, é preciso que fique bem claro que êste jornal, em absoluto, se entregará a uma oposição sistemática às denominadas «capitanias hereditárias». Em hipótese nenhuma. Nossos leitores podem estar certos e seguros de que transmitiremos em nossas colunas, com a maior fidelidade e com a mais completa das veridades, tôdas as notícias que nos chegarem às mãos, enviadas pelos nossos correspondentes e pelas sucursais de O BRASIL EM JORNAL já instaladas no Brasil.

MÚSICA



ARRABIL

O arrabil, instrumento muito em uso agora, é uma espécie de redução da antiga viola de arco, cujo braço é um prolongamento natural da caixa. A parte de trás é ovalada, passando a reta a partir do ponto de onde saem as cordas. É tocado apoiado no pescoço. Tem duas ou três cordas. Sons agudos como vozes de mulher. O arrabil desfruta de grande prestígio nas festas populares e nos bailes e concertos da corte. Já são muitos os ases do arrabil, mas o mais destacado é, sem dúvida, o grande arrabilista Lancelote Levasseur, arrabil-ordinário de Francisco I.

A grande sensação musical de Madri, neste momento, é o organista, clavecinista e compositor espanhol Felix An-

tonio Cabezon. Cabezon é completamente cego. Músico de câmara e capela, de Carlos V, começa a ter seu nome conhecido em toda a Europa, não só como compositor, mas como artista.

Roma, 1536: Morreu Jean Conseil, músico francês, membro da Capela Pontifical e autor de numerosas canções esparsas e muito elogiadas. Conseil deixou um interessante «Livre de Danseries», em 6 partes.

Veneza, 1535 — Com apenas 35 anos, desapareceu Silvestre de Ganassi, músico da Senhora de Veneza. Silvestre, que compôs várias músicas para instrumentos, deixou entre outras as seguintes composições: «La Fontegara», para flauta; e «Regola Rubertina», para viola.

Ainda de Veneza nos informam que Arnold von Bruck, mestre de capela na corte e autor de composições religiosas e profanas, lançará muito em breve, uma retrospectiva de suas obras.

MARIA TÚDOR: DESPROTEGIDA E SÓ

Londres, dezembro, 1536

Maria Túdor, filha repudiada de Henrique VIII, está só e desprotegida neste país. No ano passado, os desgostos e o desespero provocaram moléstias que, adquirindo caráter muito sério, quase a levam à sepultura. Podemos informar que ela continua absolutamente firme nas suas convicções religiosas, desfrutando de largo prestígio entre os católicos, que não se conformam com a tutela de seu pai sobre a Igreja. Mas nada pode fazer, tendo de permanecer afastada da corte, embora não constitua segredo que mantenha em torno de si um grupo muito ativo de descontentes com o regime de terror cada vez mais forte.

Maria foi afastada de sua finada mãe, a ex-rainha Catarina de Aragão, desde 1532. Sobre ela vem sendo exercida a máxima vigilância, tendo o rei, para mantê-la sob seu controle, providenciado para que seja educada e viva em companhia de sua irmã Elizabeth, filha de Henrique e Ana Bolena.

Maria foi proclamada Princesa de Gales, isto é, herdeira do trono, em 1525. Henrique transformou-a em espécie de peão no seu jogo político internacional. Sucessivamente prometeu sua mão em casamento a Henrique, filho de Francisco I (1518), quando tinha apenas dois anos; ao imperador Carlos V (1521) e ao duque de Orléans (1527).

Em fevereiro completou 20 anos. Considerada «filha ile-

gítima», que destino espera essa triste e tão malsinada jovem?

JORNAL ECONÔMICO

COMERCIO DE NEGROS

Antilhas, 19, dezembro, 1534 — O tráfico de negros nesta região continua intenso. Hoje, o capitão português João Guisado recebeu cerca de 200 negros, juntamente com carregamento de milho e pau para «limpar dentes de negros». Guisado é figura conhecida nestas paragens. Em junho, Pedro Monteiro, também português, levou daqui 250 escravos, muito milho antilhano e 20 gamelas para nelas comerem os negros.

PREÇOS NA BAHIA

Bahia, 1536 — Os índios baianos estão cobrando aos portugueses um vintém por anta ou veado, e 2 vinténs por coelho. O peixe, pescado em abundância, é ofertado aos portugueses como bonificação.

Francisco Martins, em relatório recém-terminado, esclareceu a O BRASIL EM JORNAL que a terra onde se encontra (Bahia) é realmente muito rica. «Os algodões — declarou-nos — são excelentes, os melhores do mundo. O açúcar dará quanto quisermos. A costa tem muito coral, mas, infelizmente, falta quem o queira extrair.» Falando sobre preços, disse-nos que o porco montês está sendo vendido a vintém cada um.

VOCABULÁRIO BRASILEIRO

Publicamos hoje nova relação de vocábulos indígenas brasileiros. Como dissemos, essa divulgação se destina a facilitar a vida dos que embarcam para as novas terras.

Tanibuca	— Cinza
Tabuçu	— Cidade
Nhú	— Campo
Tigpigpicaba	— Sepultura
Xeaeacig	— Adoecer
Ubaee	— Cana-de-açúcar
Nheanguixuera	— Falador
Tupã oca	— Igreja
Coamutu	— Madrugada
Acajê	— Meio-dia
Cigquigjê	— Médico
Iuquigra	— Sal
Tuibaeapaoama	— Antepassados
Igete	— Água doce
Beigra	— Colar
Marape?	— Que dizes?
Cô cecou	— Eis-me aqui

SE FRANCISCO I QUISESSE...

Paris, 1535

Crignon, cosmógrafo, humanista e poeta, em declarações à imprensa sobre os sucessivos casos surgidos entre portugueses e franceses por causa dos descobrimentos, disse: — «É muita sorte dos portugueses que o rei Francisco I seja tão bom e tão cortês em relação às terras e aos mares que êles dizem «seus». Porque, se quisesse, em menos de quatro ou cinco anos, conquistaria a amizade e asseguraria a obediência dos povos dessas novas terras.»

Desapareceu "Corregio"

Parma, 5, março, 1534



Morreu Corregio! Uma insidiosa moléstia tirou-lhe a vida, hoje, aos 46 anos, quando seus pincéis ainda poderiam encher o mundo do lirismo de seus quadros. Morreu nos braços de seus pais, cercado de sua família.

Antônio Allegri, se tornou conhecido como «Corregio», nome do lugar de seu nascimento. Durante toda sua vida foi relegado a simples pintor de província, mas a posteridade, estamos certos, far-lhe-á justiça.

Artista puro, inovador atrevido, procurou a beleza não no equilíbrio, como Rafael; não no vigor, como Miguel Ângelo; não no colorido, como Ticiano; mas na luz e no movimento, que captou como ninguém.

A Corregio ficamos a dever o claro-escuro, em que a sombra é algo de positivo nos quadros, e a composição até o infinito, em suave ondular de formas.

Antônio, filho de Peregrino e Bernardina Allegri, nasceu em Corregio, perto desta cidade, em 1489. Estudou em

A MODA COMO ELA É



ANEL, ADORNO INDISPENSÁVEL — Os anéis, de uso antiquíssimo em todo o mundo, estão muito em voga, na Europa, com as formas mais estranhas. Comuns, sobretudo, os com figuras de sereias cinzeladas. Acima damos os modelos preferidos pelas elegantes européias.

LOIOLA EM VENEZA

Veneza, 30, dezembro, 1956

Um homem de 45 anos, impressionante pelo saber, pela força de vontade e por sua extraordinária formação moral, chegou há pouco a esta cidade, onde permanecerá algum tempo. Êle se chama Inácio de Loiola e descende de nobre família basca.

Êle e mais seis companheiros, dentre os quais Francisco Xavier, Diogo Lainez, Pedro Lefevre e Afonso Salmeron, no dia 15 de maio de 34, na capela de S. Dionísio, em Paris, se propuzeram a fundar uma sociedade religiosa cujo programa básico é a conversão dos muçulmanos e a prática das virtudes monásticas.

No próximo número publicaremos importantes declarações de Inácio de Loiola, sobre a sua vida e sobre os seus projetos para o futuro.

Módena, com Bianchi Ferrari e depois com Mantegna, em Mântua. Em Roma, onde esteve, foi, pode-se dizer, ofuscado pela estrela de Rafael. Trabalhou na decoração das cúpulas de São João Evangelista e da catedral de Parma. Deixou, entre outros belos quadros: «Virgem adorando o Menino»; «Madona com Santos», «Adoração dos Pastores» e «Antiope».

O BRASIL EM JORNAL

Propriedade da
EDITORA REFORMA S/A
Rua México, 111, 5.º andar,
g. 501, tel.: 22-6807
End. Teleg. REFORMA
RIO DE JANEIRO

Secretário
RUBEM DE AZEVEDO LIMA

Paginação
WALDYR FIGUEIREDO

Ilustração
HILDE e ADAIL

Chefe de oficina
RAUL F. S. LOPES

Revisão
GABRIEL CHAVES DE MELO

Promoção
TITO S. CAVALCANTI

Número avulso.... Cr\$ 10,
Aéreo.... Cr\$ 12,

Assinatura Anual:
(24 números)..... Cr\$ 200,
Aérea..... Cr\$ 300,

PADEIRO E ALFAIATE CHEFIAM REVOLTA RELIGIOSA

Munster, Alemanha, 30, junho, 1535 (Urgente — Do enviado especial)

Tropas católicas, auxiliadas por protestantes de várias seitas, num assalto fulminante ocuparam esta cidade no dia 24,

dando início a um massacre geral que começou com a execução, depois das mais violentas torturas, do chefe anabatista Jean de Leyde.

Munster estava em poder dos anabatistas desde fevereiro do ano passado. Os adeptos de Tho-

mas Munzer, que o escolheram profeta depois de sua morte, desde 29 vinham ganhando terreno na Alemanha e nos Países-Baixos. Em 1531 tomaram conta de Amsterdam quando Strasburgo já era uma das suas cidades santas. Anunciaram para 1533 a queda de Babilônia e o estabelecimento de uma «fraternidade apostólica».

Bandos de camponeses maltrapilhos aderiram em massa aos anabatistas, vindos de todas as regiões em direção a Munster. Em fevereiro de 33, a cidade revoltou-se contra o bispo e transformou as igrejas católicas em centros da nova religião.

Num golpe-de-mão, em fevereiro do ano passado, um padeiro, Mathijs e um alfaiate, Jean de Leyde, ocuparam o poder à frente da massa de anabatistas. Imediatamente puseram em execução um programa revolucionário do qual destacamos os seguintes pontos: 1. — abolição da propriedade privada; 2. — imposição de um segundo batismo para todas as pessoas, adultas ou não; 3. — prisão, expulsão ou morte de todos os «inconformados».

Este correspondente tomou parte no cerco da cidade pelas tropas episcopais, cerco que se iniciou logo após a tomada do poder pelos anabatistas. A 5 de abril, numa sortida dos sitiados, foi morto o padeiro Mathijs e tivemos logo a notícia de que Jean de Leyde se fizera proclamar «em nome de Deus, autoridade absoluta».

Nossos espíões, assim como os católicos e protestantes que se encontravam dentro da cidade, nada puderam fazer, porque Leyde instaurou um regime de terror para impedir os levantes internos. Novos decretos determinaram a distribuição de todos os bens pessoais pela comunidade. Tudo passou a ser de todos.

De acordo com o Antigo Testamento, Jean de Leyde decretou a poligamia. Ele profetizou a deposição dos príncipes e a regeneração do mundo corrupto. Enquanto estivemos sitiando Munster, notícias aqui chegadas informavam aos chefes católicos que os anabatistas estavam ganhando terreno em várias cidades, inclusive Lubeck.

As tropas protestantes que entraram conosco na cidade, dia 24, se uniram às católicas por ordem de Lutero.



NOVO PAPA
Muitas esperanças

Morre Clemente VII Novo Papa: Paulo III

Roma, 25, setembro, 1534 (Urgente)

Exalou hoje o último suspiro o papa Clemente VII, que teve sob sua responsabilidade um dos mais atribulados períodos já atravessados pela Igreja. Candidato derrotado ao pontificado em 1521, quando teve contra si a oposição da poderosa casa dos Colona, voltou a candidatar-se em 1523, tendo sido eleito a 18 de novembro.

O BRASIL EM JORNAL destaca, como fatos de suma importância, ocorridos durante o pontificado de Clemente VII, os seguintes:

1. Incremento das lutas religiosas com grandes progressos da Reforma.
2. Saque de Roma, apoiado inclusive por cardeais, como Pompeu Colona.
3. O ruidoso «affaire» Henrique VIII-Catarina-Ana Bolena.
4. A coroação de Carlos V como imperador do Santo Império Romano-Germânico.
5. O casamento de sua sobrinha, Catarina de Médicis, com o duque de Orléans, segundo filho de Francisco I.
6. As suas sucessivas mudanças de posição na guerra entre Francisco I e Carlos V, ora aliado a um ora a outro.

Clemente VII interpretou a Reforma como um movimento político, e até onde é possível julgar os seus atos, nada fez que pudesse beneficiar a Igreja na luta contra Lutero e os demais líderes reformistas. Clemente nasceu em 1479, tomando o nome de Júlio de Médicis, filho de Juliano e sobrinho de Lourenço, o Magni-

fico. Primo de Leão X, outro Médicis, dele recebeu o chapéu cardinalício em 1513.

Em março passado, como um dos seus últimos atos de repercussão mundial, ratificou a união de Henrique VIII com Catarina de Aragão, contrariando definitivamente qualquer esperança do rei inglês, já cismático.

ELEITO NOVO PAPA

Roma, 13, outubro, 1534 (Urgente) — Os cardeais reunidos elegeram o substituto de Clemente VII. Trata-se do cardeal Alexandre Farnese que coloca a tiara sobre a cabeça com o nome de Paulo III. Italiano, nasceu em 28 de fevereiro de 1468, contando hoje 66 anos. Aos 26 anos recebia das mãos de Alexandre VI o chapéu cardinalício.

O BRASIL EM JORNAL, num esforço de reportagem, conseguiu ouvir a palavra do novo Papa, logo após a sua eleição. Em rápidas declarações, Sua Santidade traçou o esquema do programa que o levou ao trono de S. Pedro: — «Considero como causa principal da minha eleição a total independência de que desfruto no plano político e militar internacional. No entanto, acredito que meus companheiros me elegeram certos de que cumprirei um programa de reforma que conduzirá a Igreja aos seus altos destinos, dentro deste mundo conturbado pela heresia que ameaça os alicerces da cristandade.»

De fato, a reportagem apurou, dentro do próprio palácio papal, que o dia de hoje é saudado com grande expectativa pela maioria absoluta dos cardeais que, indistintamente, confiam neste novo Papa, Alexandre Farnese.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

Paris, 1534



Francisco Rabelais lança, agora, sua obra «Gargântua». O autor adverte, no prólogo, que ela tem um sentido oculto, sentido do qual nos apercebemos logo, e que obtém o nosso acôrdo.

Na obra se conta a infância do personagem, sua educação à antiga e à moderna etc. Gargântua é sempre pueril e pratica façanhas prodigiosas.

O autor, Rabelais, médico humilde é, agora, famoso escritor. Ele nos revela, através do livro, todo o seu amor pela vida. Verifica-se nas entrelinhas que o homem tem mais que o direito — tem o dever de ser o «mais homem possível». Todas as funções do ser vivo, tanto as espirituais como as físicas, concorrem para a perfeição.

«Gargântua» é um bom livro que recomendamos aos nossos leitores e que, na certa, se destina a ser um dos «best-sellers» do momento.

Da Estônia chega-nos uma boa notícia. Apareceu ali o primeiro livro em língua estoniana. Nosso correspondente nada diz sobre a qualidade da obra, mas ressalta que, apesar da tiragem regular, ela se esgotou rapidamente.

Comemora-se agora, em 1534, o primeiro centenário da aparição da «Crônica de D. João I», de Fernão Lopes. Ignora-se qualquer providência no sentido de festejar tão brilhante cronista luso.

Meio centenário completa o «Rolando Amoroso» de Boiardo, aparecido em 1486. Sem comemorações.

Miles Coverdale traduziu para o inglês o «Velho Testamento», em 1535. Também da Inglaterra nosso correspondente informa que a literatura do País de Gales recebeu um tiro de misericórdia com a anexação daquele Estado à Coroa britânica, sob Henrique VIII.

Quem ainda não conhece Pedro Aretino? O «divino e infame» Aretino? Sua obra, aparecida em 1534, «Ragionamenti» ou «Diálogos», retrata com maestria e inteligência os costumes desta época que, sem dúvida, ele pinta melhor do que ninguém. Por outro lado, suas duas comédias «A Cortesã» e «Marechal», de estilo vivo e picante, fizeram sucesso em Veneza, de onde já estão se irradiando para a Europa. Podemos mesmo dizer que se transformam em verdadeiros «best-sellers».

É preciso, quando se faz crônica, separar a obra da personalidade do autor. Por isso, não temos elogiar os trabalhos de Aretino, ao mesmo tempo em que não podemos esconder sua venalidade e os processos que escolheu para defender sua independência, indo comumente à chantagem. Suas pasquinadas e canções satíricas, moralmente condenáveis, espelham sua grande inteligência e magnífico poder de expressão.

Aretino, o homem dos mil duelos e de coragem incontestada, é um produto destes tempos. Sua moral é um reflexo deles, embora sua inteligência esteja muitos pontos acima da média de hoje.

Recebemos ainda outros livros: «Institutio Christianae» de Calvino (1535); «Consilium de moderandis», de Melancton (1534); «De transitu», de Budé. Podemos ainda informar que Etienne Dolet, o conhecido editor e escritor parisiense, está lançando agora seu «Comentários da Língua Latina».

GUERRA DE PANFLETOS

Augsburgo, dezembro, 1535

Uma extraordinária atividade propagandística se verifica em toda a Europa neste fim de ano.

A Alemanha se vê coberta de uma verdadeira onda de folhetos mandados imprimir por Francisco I e Carlos V, que organizaram departamentos de publicidade de larga envergadura. Cada um acusa o outro dos piores crimes, na linguagem mais desabridada.

Para os adeptos do imperador, Francisco I é o «turco», aliado dos infiéis contra a cristandade. Para o rei de França, Carlos V não passa de um ambicioso sem limites que quer conquistar o mundo inteiro e colocá-lo sob seu domínio.

Sabe-se que toda essa campanha caríssima é financiada pelos banqueiros de Lião, de Antuérpia e desta cidade.

DESTRUÍDOS TEMPLOS BUDISTAS

Pekim, 1536

O imperador Che-tsong Kia-tsing ordenou a destruição de todos os templos budistas do Império Chinês. Che-tsong, sucessor de Wou-tsong, é considerado em plano muito superior a este que, subindo ao trono com apenas 15 anos, se afirmou como um soberano debochado, conduzido à vontade pelos seus eunucos. Che-tsong se tornou soberano da China em 1521, com apenas 14 anos de idade.

CAIU BAGDÁ

Bagdá, 1534 (Do correspondente)

Esta lendária cidade do Império Árabe e capital da Pérsia, caiu em poder das tropas turcas de Solimão, o Magnífico, depois de um cerco que começou no ano passado, quando o inimigo ocupou Tabriz.

Bagdá resistiu ao máximo e só se rendeu quando nada mais havia dentro dos seus muros para alimentar a população faminta.

DECAPITADA ANA BOLENA!

Londres, fevereiro, 1534 (Do correspondente)

Como previmos, o Parlamento votou uma série de leis que, praticamente, estabelecem a independência da Igreja inglesa. Restabeleceu-se, pelo menos no papel, a liberdade de eleição para os prelados, ficando a nomeação dos bispos sujeita à aprovação dos arcebispos, estes, por sua vez, submetidos ao primaz de Canterbury. Os anglicanos cortaram tôdas as relações com o Papa, acabando com as contribuições financeiras e deixando de acatar as decisões dos tribunais de Roma. Passarão a decidir inclusive sobre as questões dogmáticas e disciplinares. Thomas Cramer tem sob sua chefia o clero secular, enquanto Cromwell, ao seu lado, representa o poder supremo do Estado junto à Igreja anglicana.

FRANCISCANOS E CARTUCHOS SUPPLICIADOS

Londres, abril, 1534 — Sacerdotes franciscanos e cartuchos têm sido supliciados em todo o país e principalmente na Torre de Londres, por tentarem por todos os meios manter nos seus mosteiros, alguns já confiscados, a autoridade da Igreja de Roma. Um clima de terror paira sobre esta cidade, à proporção que cresce o prestígio de Thomas Cromwell, como principal conselheiro de Henrique VIII.

PRISÃO DE MORUS!

Londres, 17, abril, 1534 — O grande humanista católico, amigo de Erasmo, autor do já famoso «Utopia» e chanceler demissionário, foi hoje encarcerado na Torre de Londres, por ordem de Henrique VIII. A perseguição a Morus começou praticamente no dia da sua demissão, quando discordou do rei, tanto no que diz respeito ao divórcio, quanto à separação da Igreja de Roma. Em fevereiro deste ano, foi concretamente acusado de traição à Coroa, e à Igreja anglicana.

HENRIQUE VIII ABSOLUTO

Londres, abril, 1534 — O «Ato de Supremacia» votado pelo Parlamento dá a Henrique VIII o título de «Chefe Supremo» sobre a terra, da Igreja da Inglaterra». Os que não reconhecem esse título são considerados traidores. O rompimento com a Igreja Católica de Roma, no entanto, não corresponde a qualquer ato de adesão à Reforma europeia. Pelo contrário. Os reformistas têm sofrido grandes perseguições

TURCOS E FRANCESES DE MÃOS DADAS

Constantinopla, fevereiro, 1536

De acordo com um importante tratado comercial denominado «capitulações», que vem de ser assinado entre a França e o Império Otomano, os franceses passam a ter a garantia de navegação livre em águas territoriais do império. Os cônsules gauleses ficam com inteira jurisdição sobre seus compatriotas que, por qualquer crime, só podem ser julgados pela justiça francesa. Praticamente, todos os direitos de franceses e turcos estão garantidos neste acordo, de modo que nem os primeiros podem ser incomodados no Império Otomano, nem os turcos podem ser incomodados na França.

Um parágrafo do acordo estipula que turcos e franceses têm, em ambos os Estados, plena liberdade religiosa, não podendo, nunca, ser convertidos à religião do outro país, pela força.

Esse tratado complementa e solidifica a aliança militar de Francisco I com Solimão, o Magnífico, em pleno vigor desde o ano passado.

O acordo fica aberto às assinaturas do Papa e dos reis da Inglaterra e da Escócia. A ele deverá ser dada a maior publicidade na Europa e no Império Otomano.

PORTUGAL-FRANÇA

Lião, 14, julho, 1536

França e Portugal assinaram hoje um tratado de aliança militar, unindo os dois países, apesar das profundas divergências reinantes, no que se refere aos direitos de exploração das novas terras descobertas.

que tendem a se agravar. No fim do ano passado, um dos seus apóstolos, John Frith, foi queimado vivo.

A diferença entre as execuções de católicos e protestantes é que os primeiros são condenados por traição e os segundos, por heresia doutrinária.

MODIFICAÇÕES RELIGIOSAS

Londres, 1535 — Negociações com o Eleitor de Saxe demonstram tendências de modificações na doutrina religiosa da Igreja anglicana. Dois bispos de nítidas inclinações luteranas, Hugo Latimer e Eduardo Fox, alcançam grande prestígio junto ao rei.

EXECUTADO FISHER!

Londres, 22, junho, 1535 — Sob o machado do carrasco da Torre de Londres, tombou hoje a cabeça do bispo Fisher, que se manteve fiel à Igreja de Roma, que o havia nomeado cardeal, a 21 do mês passado. O regime de terror adquire aspectos cada vez mais violentos e ninguém mais tem esperanças na sobrevivência de Thomas Morus, que está sendo julgado.

NOVA VITIMA: MORUS!

Londres, 7, julho, 1535 (Urgente) — O grande Thomas Morus, condenado no dia 1.º, teve sua cabeça cortada hoje no cadafalso da Torre de Londres. O autor da «Utopia» manteve até o fim uma atitude heróica de verdadeiro mártir de suas idéias, negando-se, mesmo para salvar a vida, a reconhecer a autoridade espiritual de Henrique VIII. A Igreja perdeu um grande apóstolo e o mundo um grande homem.

ANA BOLENA SE APAGA

Londres, novembro, 1535 — Nossos informantes junto à Corte dizem com segurança que o prestígio de Ana Bolena, a «camareira que tinha olhos de rainha», está caindo dia a dia. Afirmam que Henrique VIII esperava que ela lhe desse um filho homem, e que se mostrou muito desiludido com o nascimento de Elizabeth, que hoje conta cerca de dois anos.

Por outro lado, a Bolena é mulher muito coquete e atraente, alimentando, com seus modos mais ou menos livres, os ciúmes de caráter sumamente egoísta de seu real marido.

MORRE CATARINA

Londres, 8, janeiro, 1536 — Vítima do desgosto e das humilhações sofridas, morreu hoje, em Kimboldon, a primeira mulher de Henrique VIII, Catarina de Aragão, tia de Carlos V, repudiada juntamente com a filha, Maria Tudor, pelo soberano da Inglaterra. Pessoas que assistiram os seus últimos instantes dizem que ela perdeu Henrique do mal que lhe havia feito.

EXECUTADA ANA BOLENA

Londres, 19, maio, 1536 (Urgente) — Confirmando o que noticiamos em despacho anterior, Ana Bolena caiu em total desgraça e teve hoje sua linda cabeça cortada pelo machado do carrasco na Torre de Londres. Henrique VIII acusou-a de devassidão, adultério e práticas indecorosas. A Bolena não sobreviveu muito tempo mais a Catarina de Aragão, a mulher repudiada por sua causa, por Henrique VIII.

NOVA RAINHA

Londres, 20, maio, 1536 — O rei se vestiu de branco ontem, em sinal de alegria pela decapitação da Bolena. Hoje, 24 horas após a execução, contraluz nupcias com Jayne Seymour que foi imediatamente coroada Rainha da Inglaterra. Jayne estava na mira de Henrique há muito tempo, desde que o prestígio de Ana começou a cair.

A NOVA RELIGIAO

Londres, outubro, 1536 — O cardeal arcebispo de Canterbury, Thomas Cramer, e o chanceler Thomas Cromwell, vigário-geral para os negócios eclesiásticos, convocaram em julho, por ordem do rei e Chefe Supremo da Igreja Anglicana, uma assembleia de prelados e teólogos ingleses para definir e dar forma à sua doutrina.

Dentre as mais importantes resoluções, se destaca a manutenção dos sacramentos do batismo, da penitência e da eucaristia, embora os outros não tenham sido condenados. O apelo aos santos foi condenado, mas é permitido homenageá-los. A maior parte dos ritos católicos são mantidos, com a supressão das ordens monásticas, embora sem autorizar o casamento dos padres. Os bispos e arcebispos foram conservados. O «Livro dos Artigos», contendo as disposições tomadas, foi aprovado pelo Parlamento, como sempre controlado por Cromwell.

REVOLTA PACIFICA

Londres, novembro, 1536 — Católicos de Lincolnshire e Yorkshire estão em revolta contra o fechamento dos conventos e confisco dos bens da Igreja, num movimento cujo caráter mais se aproxima da resistência passiva e, por isso, é denominado de «Pergrinação da Graça.»



CELLINI

Aos 15 anos já era «juventude transviada»...

Cellini: gênio e desordeiro

Roma, 1535 (Exclusivo de O BRASIL EM JORNAL)

Esta cidade tem vivido momentos dramáticos com o crime de morte praticado pelo conhecido cinzelador Benvenuto Cellini. No bairro de Banchi, matou a punhaladas seu rival e grande orives milanês, Pompeu. Perseguido pelos transeuntes que passavam na ocasião, Cellini homiziou-se no Palácio do cardeal Cornaro.

Foi o final de uma inimizade que vinha de longe. A vítima andava cercada de «bravos» e esbirros, injuriando o criminoso, onde quer que o encontrasse. Levado à justiça, Benvenuto Cellini foi condenado à morte por Messer Benedetto de Cagli, juntamente com Messer Converino de Pistoia, governador da Cidade Eterna, levou a sentença ao papa Paulo III. A reportagem acompanhou os juizes em sua visita ao Papa, tendo sido introduzida no salão pelo secretário do Pontífice, Abade Frolli.

Estava presente o camarista papal Messer Ambrogio que defendeu Benvenuto Cellini, lembrando os insultos de Pompeu, suas intrigas e provocações contra o artista criminoso, já considerado um mestre do cinzel. O Papa, depois de refletir um pouco, recusou-se a assinar a sentença de morte de Cellini, afirmando: — «Sei melhor que vós o que tenho a fazer. Sabei que homens únicos na sua arte como Benvenuto, não podem estar sujeitos às leis comuns e ele, Cellini, mais que qualquer outro.»

E acrescentou Sua Santidade: — «A vítima teve uma enorme parcela de culpa e não é justo que se enforque um homem in-substituível como Benvenuto Cellini.»

VIDA DESREGRADA

Cellini conta atualmente 35 anos. Nascido em Florença em 1500, foi o terceiro filho de um músico e fabricante de instrumentos. Com apenas 15 anos já se destacava como estudante de desenho e trabalho em metais. Já em 19, era conhecido como cinzelador notável e não menos notável membro da «juventude transviada». Nesse ano chegava a Roma, fugido de Sena, Bolonha e Piza, perseguido desde Florença, por causa de uma série de pequenos crimes praticados. Excelente espadachim, está sempre pronto a provocar duelos, saindo-se sempre vitorioso. Desde essa época, Benvenuto se tornou figura famosa nesta Cidade Eterna. Suas obras cinzeladas em metal são magníficas pela originalidade e pelo bom gosto nunca igualado.

Até 1527 sua vida em Roma foi um rosário de sucessos, aventuras, duelos e trapaças de todos os gêneros. Nesse ano, Bourbon com suas tropas saqueou a cidade.

Logo que os assaltantes se retiraram, o próprio Benvenuto

contava a quem quisesse ouvir — e todos queriam — que fôra ele o autor do disparo de arcabuz que matou o comandante dos saqueadores, duque de Bourbon. Esse feito lhe granjeou o perdão para muitos dos seus crimes, permitindo até que voltasse a Florença que sempre desejou rever, mas aonde não podia ir para não ser prêsão...

Lá, trabalhou algum tempo na execução de magníficas medalhas que continuam a fazer furor em toda a Itália. Depois passou-se a Mantua, voltando a Roma em 29, quando perdeu um irmão. Em meio às suas aventuras, já consideradas «normais», foi a Nápoles de onde teve de fugir a galope por ter, em duelo, ferido gravemente o notário Benedetto.

As portas de Roma se abriram novamente para ele, tendo executado importantes trabalhos para Clemente VII e servindo agora o novo Papa, Paulo III, que vem de salvá-lo da força.

SEGRÊDO DE UMA VITÓRIA.

Avinhão, 14, setembro, 1536

Carlos V e seu poderoso exército deixaram a França! A tática tão combatida e de efeitos tão duvidosos, utilizada por Montmorency, a do «campo arrasado», derrotou de maneira surpreendente os bem armados exércitos do imperador.

No entanto, podemos informar agora, a vitória francesa, vitória sem perdas, esteve à beira do fracasso. Acontece que, enquanto Carlos V atravessava lentamente a Provença, totalmente queimada e destruída por Montmorency, Francisco I e suas tropas permaneceram nesta cidade à espera dos resultados.

Há um mês atrás, com o tesouro esgotado e sem recursos para pagar os mercenários, e mesmo para alimentar o grosso do seu exército, Francisco I esteve a pique de ver seus soldados abandonarem Avinhão. Foi então que uma dama desta cidade, muito rica, sabedora da situação em que se encontrava o rei, mandou uma soma considerável que permitiu o pagamento de alguns atrasados e a compra de alimentos para o exército.

Foi o gesto dessa mulher que salvou Francisco I e permitiu que ele aguardasse, aqui em Avinhão, a dizimação, pela fome, pela disenteria e pela sede, das tropas de Carlos V.

Essa dama — revelamos em primeira mão — se chama Madalena Lartessuti.

EDUCAÇÃO E ENSINO



Já existem algumas grandes bibliotecas na Europa. Elas apresentam mais ou menos o mesmo estilo e disposição, registrando-se boa frequência, principalmente na França.

No clichê, reproduzimos um flagrante tomado numa dessas bibliotecas, verificando-se que as estantes se sucedem com banquetas onde os livros são consultados. Globos terrestres são vistos em ambos os lados. Até mesmo um cão se encontrava no recinto no momento em que foi colhido o flagrante.

CATARINA DE MÉDICIS, CHEQUE SEM FUNDOS

Paris

Catarina de Médicis é considerada em toda a França como que um cheque sem fundos para o rei.

Sobrinha de Clemente VII, casou-se com o delfim Henrique única-mente por motivos políticos: o Sumo Pontífice queria consolidar sua aliança com França, e Francisco I, por intermédio do Papa, além de rico dote, desejava obter Milão e outros Estados italianos. Morto Clemente, o casamento perdeu toda função política.

De qualquer forma, ela é agora delfina, herdeira da coroa com apenas 17 anos, tendo-se casado com 14. O delfim não esconde sua aversão pela mulher, mas o rei demonstra gostar muito de «Florentina», como a chamam na corte.

Muito hábil e inteligente, Catarina conta com inúmeras amigas. Estuda com afinco o grego e o latim; interessa-se pela astronomia, estuda matemática, vai à caça com o rei e não cora diante das mais pitantes histórias por ele contadas. Sogro e nora dão-se às mil maravilhas.

PERDE

O MUNDO

GRANDE

PENSADOR

Basiléia (Suíça), 12, julho, 1536
(Do correspondente)

Os meios intelectuais europeus acabam de sofrer perda irreparável: Desidério Erasmo, o grande escritor e humanista holandês, faleceu, hoje, aos 69 anos.

A permanência de Erasmo nesta cidade, onde afinal veio a morrer, foi conveniente à natureza de seu espírito e aos seus hábitos, pois Basiléia é uma cidade mista, onde o Catolicismo e a Reforma coexistem quase em paz. Na realidade, Erasmo não foi nem católico nem protestante: foi sobretudo literato e humanista, cuja influência se fez sentir consideravelmente, difundindo os conhecimentos greco-latinos no Norte da Europa, Países-Baixos, Inglaterra e Alemanha.

Como grande humanista, era cosmopolita. Nascido em Rotterdam (ou talvez em Gouda) na noite de 27 para 28 de outubro de 1466, sua vida se dividiu por diversos países. Tomou as ordens monásticas em 25 de abril de 1492, após a morte de seu pai, Rogério Gerardo. Três anos depois, em 1495, abandona sua sede episcopal pela Universidade de Paris. Já era então um bom humanista.

Sua estada na Inglaterra, onde privou com Thomas Morus e Collet, fez com que aprofundasse os estudos teológicos, escrevendo seu «Enchiridion militis christiani» (1504), em que resumiu os métodos de uma nova teologia, fundada exclusivamente no estudo da Bíblia à luz de um livre exame. Deixou a Inglaterra para visitar a Itália (Turim e Bolonha) e, em Veneza, fez publicar a segunda edição de seu «Adágio», coleção de pensamentos de autores clássicos (1508).

Regressando à Inglaterra em 1509, no outono, dedicou-se à redação do «Elogio da Loucura», talvez sua obra mais importante, crítica veemente da baixa superstição das camadas menos esclarecidas do povo e também de alguns princípios religiosos.

Foi em 1516, com o aparecimento de seu «Novo Testamento», dedicado a Leão X, que Erasmo atingiu o apogeu de sua fama de erudito e pensador. Carlos V nomeou-o seu conselheiro, e recebeu presentes e favores da maioria da aristocracia intelectual da Europa: foi o ídolo e o lumiar dos homens ilustrados de sua época, tendo, inclusive, já agora, no fim de sua vida, rejeitado chapéu cardinalício que lhe ofereceu o novo Papa, Paulo III.



ERASMO
O mundo ainda precisava dele

EM SOCIEDADE

Antes de partir para a frente de batalha na Savóia, Henrique, segundo filho do rei de França, visitou Diana de Poitiers para mostrar-lhe que leva suas cores: preto e branco...

Dois homens, cada um deles protegido por uma mulher, disputam a chefia do Exército francês: o almirante Chabot, protegido da duquesa de Etampes, e Anne de Montmorency, favorito de Diana de Poitiers.

Chabot de Brion aconteceu gloriosamente sobre a Savóia, que venceu e ocupou numa campanha fulminante. Deslumbrado com seu próprio triunfo, não prosseguiu o avanço até Milão. Francisco I ficou furioso e substituiu-o por Montmorency. Ganha, assim, Diana de Poitiers. Em sociedade tudo se sabe...



Leonor, rainha de França, é irmã de Carlos V, contra quem seu marido novamente se encontra em guerra. Além de todos os desgostos por que tem passado, a mulher que é rainha pela segunda vez — ela foi soberana de Portugal — sofre mais um com a determinação agora tomada por Francisco I de mandar de volta à Espanha todas as damas de honra de Leonor, por serem espanholas.

Este colunista conseguiu, num dos momentos de desespêro da rainha de França, ouvir de sua própria boca esta declaração: — «Eu era feliz em Portugal. Mas, nesta Corte de França, Deus sabe como eu sou tida e de que modo me trata o rei!»

Ana de Pisseleu, a dama cujas mãos Francisco I afagava durante o desfile de apresentação da rainha a Paris, é hoje duquesa de Etampes. O rei resolveu casá-la com Jean de Brosse, filho do duque Penthièvre. O colunista estava presente ao encontro dos dois.

— «Caro Senhor, quereis esposar a mais bela dama deste reino?» Silêncio atônito. — «Respondei!» E Brosse, encaulado: — «Sim. Sem dúvida.» E o rei batendo-lhe nas costas: — «Perfeito. Ela é vossa... Tenho certeza de que sabeis que essa dama é a senhorinha Ana de Pisseleu.» Brosse ficou aturdido, enquanto o rei continuava: — «Fico tão satisfeito com essa união, que vos dou os ducados de Chevreuse e de Etampes.» Jean se atirou aos pés do rei, agradecido. «Levantai-vos e correi para vossa noiva. Depois do casamento ireis para vosso castelo em Etampes e tereis pouco tempo para ver vossa mulher, que precisará continuar como duquesa, a prestar seus serviços à Rainha.»

De Todos os Santos nos chega a notícia muito «kar» de que duas filhas de Diogo Álvares, um dos portugueses encontrados ali por Pero Lopes quando lá esteve, se casaram com os senhores Afonso Rodrigues e Paulo Dias Adorno.

As senhoritas em questão antes do casamento foram batizadas. As cerimônias, muito simples, foram assistidas com grande emoção por sua mãe índia: Paraguaçu. No batismo as duas irmãs receberam os nomes de Madalena e Filipa Álvares.

O violento e bravo senhor Pero Lopes de Sousa, irmão de Martim Afonso, acaba de contratar casamento com d. Isabel da Gamboa. A noiva é filha de Tomé Lopes de Andrade, do «society» lisboeta — sempre de «caixa alta». O Sr. Andrade foi feitor da Casa da Índia e de Flandres.

O casamento vai acontecer dentro de pouco tempo na residência da noiva, à rua do Outeiro, junto à porta de Sta. Catarina, em Lisboa.

Entre mim, vocês e o «international set»: uma determinada moça da Corte da Inglaterra, cujo nome é Margarida Shelton, poderia ser, hoje, rainha. Jayne Seymour, no entanto, aconteceu com mais elegância, finura, tato e uma certa candura que enfeitaram Henrique VIII. Resultado: ganhou o marido e a coroa ainda quente da cabeça da Bolena, que foi decapitada na véspera do terceiro casamento do rei.

Consta que Henrique VIII, muito comentado por sua grafia pesada, mandará que se estude, nas escolas inglesas, algum meio de melhorar a escrita de seus súditos. Assim, ao que se propala, nos colégios britânicos, dar-se-á aula de caligrafia, e o modelo, segundo fontes bem informadas, será o dos escribas italianos.

Cortez não colheu fruto do que semeou

Madri, 17, abril, 1535 (Do correspondente)

Para surpresa geral, o imperador Carlos V nomeou, hoje, vice-rei do México, Antônio de Mendoza.

Foi grande a repercussão da escolha, considerada injusta. Nobres bem informados, também surpreendidos com a notícia, declararam a O BRASIL EM JORNAL que esperavam tudo, menos a nomeação de Mendoza para o posto que, disseram, de direito e de fato, devia pertencer a Hernán Cortez.

A criação do vice-reinado era esperada há algum tempo. O cabildo municipal do México dificultava a administração da colônia. Em 1527, para evitar embaraços, criou-se a Audiência de Nova Espanha,

com quatro ouvidores e um presidente, cuja primeira medida foi dar residência a Cortez. Mas à coroa não satisfazia o caráter de interinidade do cargo. Daí à criação do vice-reinado foi um passo.

Antônio de Mendoza, o vice-rei escolhido pelo imperador, é pessoa de sua inteira confiança. Pertence à Casa de Tendilla e assistiu, em Bolonha, à coroação de Carlos V.

Anuncia-se que Mendoza embarcará brevemente para o México, com plenos poderes. Receia-se que sua administração possa ser prejudicada pelo descontentamento que lavra entre os amigos de Cortez.

O "AFFAIRE" DOS CARTAZES

Paris, 31, maio, 1536

PINTURA

Hans Holbein, o «Jovem», filho de Holbein, o «Velho», continua pintando na corte de Henrique VIII. Ele esteve recentemente em Basiléia, contratado para importantes trabalhos.

De Holbein reproduzimos o excelente retrato de Richard Southwell.

Interessante o trabalho do grande pintor. Sempre apreciamos muito a técnica de Holbein na realização de «portraits».



Culpa não nos coube, mas aos serviços de comunicações internacionais que atrasaram a entrega de dois importantes despachos destinados a este jornal. Importantes e tristes. Eles registravam — para publicação na edição anterior — a morte de dois grandes artistas: Grünewald e Quentin Metsys. Aqui fica o registro com a promessa de que, logo que nos seja possível, publicaremos reproduções de trabalhos seus.

Outra notícia fúnebre nos chega com a comunicação da morte de Jean de Gossart, autor de uma belíssima «Adoração dos Magos». A morte de Gossart, coincide, quase, com o centenário do nascimento de outro grande pintor flamengo: Hans Memling, nascido em 1435. Como quase todos os centenários artísticos, também este passou despercebido do grande público.

Um decreto assinado hoje por Francisco I, em Lião, termina com a perseguição aos protestantes, iniciada na noite de 17 para 18 de outubro de 1534. Este relatório, assim como os correspondentes em Orleans, Tours, Blois e no próprio castelo de Amboise, onde se encontrava o rei, teve oportunidade de assistir a movimentos populares de larga envergadura, originados pelo já célebre «caso dos cartazes».

Durante a noite, em todas essas cidades, em Amboise, e mesmo na porta da câmara real, foram afixados cartazes violentos contra a Igreja, o Papa e a própria Santa Missa. Os cartazes eram de autoria de um pastor suíço, Antônio Marcourt. A reação foi imediata e violenta.

Centenas de pessoas foram presas e, no período entre 13 de novembro e 4 de dezembro daquele ano, sete líderes da Reforma foram queimados na praça da Greve. Dia 21, Francisco I criou uma Câmara Ardente, composta de 12 conselheiros, que passaram a julgar os acusados. Nessa mesma noite, em meio ao silêncio de Paris, desfilou uma procissão expiatória, tendo à frente o rei e a rainha, seguidos por três cardeais e 20 prelados. Foram queimados, então, seis condenados. Até maio de 35 as execuções continuaram. Já a 13 foi proibida a impressão de livros em todo o reino, e a 26 de fevereiro essa impressão passou a ser permitida, mediante aprovação do Parlamento.

A própria irmã do rei, Margarida de Navarra, deu abrigo em seus domínios a muitos dos fugitivos da terrível justiça.

Há um ano mais ou menos, a perseguição abrandou. Francisco I voltou a demonstrar pouca hostilidade contra os protestantes. A morte do chanceler Duprat, a 6 de julho, contribuiu para melhorar em muito a situação dos protestantes. A 16, os prisioneiros foram postos em liberdade.

Finalmente, dia 13 deste mês, o novo Papa, Paulo III, nomeou João du Bellay cardeal, o que veio consolidar a assinatura do decreto de hoje. Não se pode negar que o novo cardeal, assim como o novo Papa, não escondem seu interesse em pacificar as relações entre católicos e protestantes. Da mesma forma, é preciso dizer que o monge Calvino teve grande influência no ato do rei, suspendendo as hostilidades contra os reformistas.

O outro fator decisivo foi o protesto coletivo da Liga de Smalkade junto a Francisco I, que dela muito precisa para enfrentar Carlos V.

Fome e epidemias dizimam exército espanhol

COLUNA MILITAR



Paris, 24, julho, 1534

Francisco I vem de assinar um decreto que estrutura nacionalmente o exército francês, com a convocação em sete províncias de «legiões» de 6 mil homens cada uma, todas de infantaria, e destinadas a enfrentar as já famosas e poderosas unidades espanholas, «tércios». Na exposição de motivos do decreto, Francisco I declara que de ora em diante, tendo em vista a situação internacional, é absolutamente necessária a formação do exército regular diretamente sob seu comando-em-chefe, juntamente com os mercenários suíços, bastante desmoralizados nas últimas campanhas.

Esse exército continuará a contar com os mercenários suíços; italianos — «condottieri» e alemães — «lansquenets», dos quais reproduzimos um grupo pronto para o combate.

GIBÕES DE ARMAS

Por serem muito pesadas e impróprias para o clima do Brasil as couraças européias, e como os índios brasileiros não usam armas de metal e sim tacapes, machados de pedra e flechas de pontas de pedra, pau tostado ou osso, os portugueses lançaram uma nova «moda militar»: os «gibões de armas».

O gibão consta de um colête de pano acolchoado de algodão, de duas ou três polegadas de espessura, o bastante para impedir que as setas dos selvagens fiquem no soldado vestido com ele. As couraças foram definitivamente abandonadas. No Brasil, os portugueses só usam agora o «gibão de armas».

Infelizmente não conseguimos

apurar quem foi o idealizador do gibão que tanto sucesso vem fazendo.

«BACINETES» EM VOGA

Estão muito em voga, como armas defensivas, os capacetes rasos denominados bacinetes, por causa da sua forma de pequenas bacias. Já se usava há muito o grande bacinete, de uso dos homens da cavalaria, e o pequeno, para a infantaria. A eles se adaptava uma cervilheira de malhas de ferro para defender o pescoço. De algum tempo para cá modificou-se um pouco a forma e passou o bacinete a ser usado apenas pela infantaria. Agora, ele foi ainda mais aligeirado, passando a ser usado sem a antiga cervilheira.

INSTAURADA INQUISIÇÃO EM PORTUGAL

Lisboa, junho, 1536 (Exclusivo de O BRASIL EM JORNAL)

Os judeus estão aterrorizados diante das tremendas ameaças que sobre eles pesam com a concessão dada pelo papa Paulo III para que o rei instale imediatamente a Inquisição — Santo Ofício — em Portugal, nos moldes da existente em Espanha.

Um judeu convertido recentemente declarou à reportagem: — «Estamos à beira da fogueira e sabemos que não tarda o momento em que vamos, embora convertidos, perecer em meio aos maiores suplícios. Nossa maior desgraça foi a morte do papa Clemente VII.»

A luta para o estabelecimento da Inquisição em Portugal vem desde 1531, com D. João III pressionando Clemente VII para obter uma bula nesse sentido. O rei desejava poderes inquisitoriais absolutos, totais. D. João nada conseguiu, apesar de ter gasto fabulosas somas. Embaixadas se sucederam junto a Roma sem qualquer proveito.

E verdade que em fins de 31, Clemente VII concordou em nomear um comissário da Sé Apostólica e Inquisidor para Portugal, sob o fundamento de que muitos «cristãos-novos» voltavam à fé antiga, sendo necessário puni-los. Esse inquisidor renunciou depois de alguns meses.

CLEMENTE PROTEGE JUDEUS

Ao contrário do que desejava D. João, Clemente VII revogou inclusive a bula a que nos referimos. De nada adiantou a pressão de D. Martinho, bispo português e novo embaixador junto a Clemente. O Papa, em abril de 33, tomou uma atitude surpreendente, perdoadando, em bula, todos os processados por heresia, absolvendo os convertidos — «cristãos-novos» — que quisessem confessar suas culpas. Houve grande agitação em Portugal. O rei mandou novo embaixador solicitar a anulação dessa bula, sem resultado, pois o Papa, em resposta, pediu a D. João III que levantasse a proibição de saída de judeus de Portugal. Essa decisão causou grande alegria à colônia semita, que se julgou protegida pelo Papa.

PERDÃO GERAL

Mas as coisas assumiram caráter mais sério em julho de 34, quando Clemente VII, inteirado das barbaridades praticadas contra os judeus em Portugal, assinou nova bula mandando perdoar a todos os condenados. Infelizmente para os semitas, Clemente VII morreu a 25 de setembro de 34.

Dois cardeais, em Roma, se batiam junto ao novo Papa, Paulo III, contra as pretensões de Portugal. Foram eles Simonetta e Guinucci que sempre combateram publicamente o Santo Ofício.

D. João III no ano passado assumiu uma atitude drástica, ameaçando o Sumo Pontífice de desobediência, se não fosse concedida a Inquisição para Portugal. Paulo III respondeu-lhe que o excomungaria se ele fizesse isso!

Estavam as coisas nesse pé, quando manobras de bastidores fizeram com que, a 23 de maio passado, Paulo III recusasse e assinasse a bula concedendo a Inquisição a Portugal. Essa vitória se deveu ao trabalho de D. Henrique de Meneses, novo enviado do rei a Roma.

Influiu também na decisão papal a tentativa de assassinato que afastou da luta o embaixador dos judeus portugueses junto a Paulo III, Duarte da Paz. Era ele quem vinha movimentando cardeais e figuras de renome, para impedir que D. João III alcançasse os seus fins.

No entanto, uma noite em que se recolhia à hospedaria onde se encontrava em Roma, foi apunhalado 14 vezes, salvando-se milagrosamente, porque, conhecedor dos perigos que corria, usava um colête de proteção sob as roupas.

O imperador Carlos V foi também trunfo decisivo do rei de Portugal para que a bula inquisitorial acabasse por ser assinada em 23 do mês passado.

D. João III e seus ministros já começaram os preparativos para instalar em todo o seu rigorismo o Santo Ofício em Portugal.

Milão, 1, novembro, 1535 (Urgente)

Morreu sem deixar herdeiros Francisco Sforza, senhor destes domínios. Reina grande inquietação em todo o principado, uma vez que ninguém tem dúvidas quanto à renovação das pretensões de Francisco I sobre estas terras. Os diplomatas acreditados aqui não vacilam em afirmar que a «Paz das Damas» chegou ao fim, uma vez que Carlos V não permanecerá de braços cruzados diante de qualquer ação francesa.

RECOMEÇA A GUERRA

Paris, dezembro, 1535 — O almirante Chabot, favorável ao início imediato das hostilidades no sentido de que a França recupe Milão, é o novo favorito do rei, caindo o prestígio de Montmorency, que está comprometido com Carlos V a manter a paz, enquanto o imperador combate os turcos.

Além das legiões nacionais criadas por Francisco I, Chabot alugou rapidamente os serviços dos bravos «condottieri» italianos e dos conhecidos «lansquenets» — infantess alemães.

Enquanto isso, notícias da frente de batalha dão conta de estrondosas vitórias da França.

Todo o ducado de Savóia foi ocupado pelos franceses sob o comando de Chabot, sendo completamente inútil sua resistência à passagem das tropas gaulesas. A Savóia é como que um tampão entre a Itália e a França, uma vez que se estende por todo o cumprimento da fronteira entre as duas regiões.

Em fins de fevereiro, Chabot levou seus exércitos às portas de Turim, Brécia e Savóia, ocupando-as. Flandres, Artois e o Charolais foram confiscados para a Coroa francesa.

Fontes oficiais informam que Carlos V está plenamente decidido a invadir a França pela Provença.

FRANCESES AVANÇAM

Roma, 13, abril, 1536 — Um violentíssimo discurso em castelhano, contra Francisco I, foi pronunciado hoje pelo Imperador Carlos V, que aqui se encontra, em presença do Papa, de todos os cardeais do consistório e do corpo diplomático. O discurso teve o efeito de uma bomba, não só pelos seus termos violentos e extremamente desrespeitosos, como por ter sido proferido no idioma pátrio de Carlos V. O

CRISTIANO III

NO TRONO

DINAMARQUÊS

Dinamarca, dezembro, 1536

De acordo com nossos despachos anteriores, a situação se agravou muito nos países escandinavos.

O prefeito de Lubeck, Jorge Wullenwewer, como noticiamos, manobrou no sentido de manter sob seu domínio o sucessor de Frederico I, morto em 33. Por isso impôs, em meio ao caos, a colocação no trono dinamarquês do conde Cristóvão d'Oldemburg, fingindo trabalhar pelo tirano Cristiano II, que se encontrava prisioneiro. Com Cristóvão, conseguiu transformar por algum tempo a Dinamarca em Estado subsidiário de Lubeck.

Foi então que Cristiano III colocou a coroa sobre a cabeça e, unindo-se aos suecos, esmagou violenta e brutalmente a revolta da Jutlândia, que apoiava Cristóvão, na esperança de fazer voltar ao trono Cristiano II.

Em seguida, derrota a esquadra de Cristóvão e, em manobra ousada, sitiou Lubeck, que vê cortada, pela primeira vez na história, toda a sua comunicação com o mar. A cidade-reino foi obrigada a assinar um armistício com Cristiano III em 1534.

Finalmente, em 5 de junho do ano passado, na batalha naval de Svendborg, a frota sueco-dinamarquesa conseguiu uma vitória total. Malmoe e Copenhague, sitiadas e reduzidas à fome, se rendem a Cristiano.

Em declarações à imprensa, Cristiano III afirmou que «a Noruega será incorporada à coroa da Dinamarca.» Quanto a Cristiano II, livre de sua prisão, podemos informar que ingressa agora na Liga de Smalkade.

imperador acusou Francisco I de todos os crimes imagináveis e fez um retrospecto dos acontecimentos desde 1516. Terminou desafiando o rei de França — é a segunda vez — para «um combate singular».



DE LEIVA

Tentou evitar o desastre em que morreu

SITUAÇÃO DE EQUILIBRIO

Dezembro, 1536 (Condensado dos despachos de nossos correspondentes nas frentes de batalha, junto a ambos os exércitos) — Com um poderoso exército de 50 mil homens, sob o comando do generalíssimo Antônio de Leiva, um dos mais bravos chefes militares espanhóis, Carlos V invadiu a Provença em julho. Sabemos que o generalíssimo desaconselhou a operação por causa dos riscos enormes, agravados pela ausência de uma rede de abastecimento capaz de manter em marcha forçada o grande Exército.

As tropas francesas, novamente sob o comando de Montmorency, usaram da tática diabólica de «terra arrasada». Os franceses depredaram e queimaram cada palmo de plantação, não deixando nos celeiros incendiados um grão sequer de qualquer cereal. Os animais que não puderam ser arrastados na retirada, foram mortos. Os poços de água potável foram envenenados e as estradas destruídas.

Em setembro sucedeu o que temia Antônio de Leiva e o que esperava Montmorency: as tropas espanholas morriam de fome, sede e epidemias, sendo forçadas a retomar o caminho da Itália, em meio a uma das mais trágicas retiradas. Os caminhos de volta em território francês, ficaram juncados de mortos, moribundos e doentes, que tiveram fim horrível. Epidemias se alastraram entre os soldados e os cavalos, que tombavam como mosquitos. O próprio generalíssimo Antônio de Leiva morreu em Aix, vítima do agravamento da «gôta» de que sofria.

Dos 50 mil homens, retornaram 30 mil. No entanto, em outro «fronte», os franceses são menos felizes. Nassau, comandante do Império nos Países-Baixos, lançou-se em terreno francês e mantém sitiada a cidade de Perone. Essa situação constitui grave ameaça a Paris.

O equilíbrio de sucessos e insucessos que se repetem no Mediterrâneo, onde Barbarroxa conseguiu ocupar Bizerta, a 54 quilômetros de Túnis, enquanto o almirante Andréa Dória registra algumas vitórias em outros pontos, é motivo mais que justificativo para os rumores de trégua, os quais se tornam cada vez mais fortes.

VÁ AO RIO DA PRATA E VOLTE RICO!

Excepcional oportunidade para homens de coragem! Se você tem vontade de vencer, não perca tempo em atividades de pouco futuro.

Inscreva-se, hoje mesmo, na expedição que partirá brevemente para as ricas regiões do Rio da Prata! Pagamento adiantado! Se você tem experiência de viagens transatlânticas, se sabe manejar as armas, se é intérprete da língua dos índios americanos ou conhece metais preciosos, não vacile: há um lugar em nossa nau à sua espera.

Quem não tiver espírito de iniciativa, coragem e audácia, não se apresente! Garantimos pensão à família dos que forem aceitos.

APROVEITE ESTA OPORTUNIDADE

Procure, hoje mesmo, ALONSO DE CABRERA, em Toledo, Espanha, e faça sua inscrição. Não são necessárias referências nem folha corrida.